

De lutas e lutos, de cóleras e vinganças: Meleagro na poesia grega arcaica

Meleager in archaic Greek poetry: war and grief, wrath and vengeance

Giuliana Ragusa

Universidade de São Paulo

gragusa@usp.br

ORCID: 0000-0002-4978-3451

Palavras-chave: poesia grega arcaica; mito; Meleagro; guerra e ira; luto e vingança.

Keywords: archaic Greek poetry; myth; Meleager; war and wrath; grief and revenge.

No canto IX da *Iliada*, da embaixada ao irado Aquiles, Fênix, seu velho tutor, busca convencê-lo a aceitar a vultosa oferta de compensação de Agamêmnon, em reparação à desonra que lhe havia imposto na assembleia dos aqueus. Último a falar ao duro Aquiles, Fênix encarece o pedido valendo-se de narrativa tradicional (529-99), tirada das “gestas dos varões de antanho” (524)¹ que se iraram, mas cederam a dons persuasivos (525-526), em “instância paradigmática do uso da narração mítica embutida na poética retórica” (Rawles, 2018, p. 43)². O relato recordado traz à tona Meleagro e os eventos sucedidos na esteira do crime de seu pai, Eneu, rei da Calidônia, contra Ártemis: as punições da deidade irada, a morte de um irmão da rainha Altaia e sua cólera vingativa, a cólera do herói. Eis o gancho para a escolha do tutor que se dirige a um Aquiles impérvio a dons de reparação e apelos – ao sofrimento dos aqueus; ambos os heróis – o das canções de antanho, e o da canção homérica – foram tomados pela ira que os levou ao afastamento dos seus, e ambos rejeitaram dons reparatórios que, contudo, perderam quando se fez inevitável que retornassem às respectivas batalhas em

¹ πρόσθεν (...) κλέα ἀνδρῶν / ἥρώων (524-525). O texto da *Odisseia*, extraído do TLG, é sempre citado na edição ali adotada, de P. von Mühl, *Homeri Odyssea* (Helbing & Lichtenhahn, 1962). A tradução é de Werner (2018).

² Todas as traduções, salvo quando indicado o contrário, são minhas. As de Baquílides constam de Ragusa (2013), com modificações já da 2ª edição ora no prelo. Este artigo consiste em recorte do trabalho de livre-docência defendida na Universidade de São Paulo em 2019, para o qual muito contribuiu o pós-doutoramento com Bolsa Fapesp (2012-2013) na Universidade do Wisconsin (Madison, EUA).

que, até as rupturas, se achavam engajados (March, 1987, p. 29). A de Aquiles, sabemos bem qual é. A de Meleagro é aquela em que, junto aos demais etólios da Calidônia governada por seu pai, liderou a luta contra os curetes de Pleurão. Por trás de tal guerra está Ártemis encolerizada (*khōsaménē*, 534), pois Eneu, o rei, “não lhe dera [em sacrifício] primícias da seara” (534)³ “e apenas a ela, a grande filha de Zeus, não sacrificou” (536)⁴, porque “ou esqueceu ou não pensou, e foi um grande desatino” (537)⁵.

A falta – crime de impiedade, de respeito e reverência aos deuses (*asébeia*) – é grave, dada a função do sacrifício, de afirmar “a relação harmônica entre humanos e deuses, e entre humanos e natureza” (Segal, 1990, p. 16): “A matança sacrificial demarca o ato de violência como sagrado, como um evento privilegiado cercado por restrições rituais fixadas firmemente à parte da matança promíscua da natureza”. A intencionalidade ou não do crime não parece mitigar sua gravidade, e decerto não o elimina: “O que importava na esfera da religião grega, na era arcaica, como na da atribuição de responsabilidade na esfera moral, era o fato, não a intenção. Os deuses requeriam o respeito da humanidade para completar sua felicidade” (Hainsworth, 1995, p. 133).

A guerra recrudescer com a nova punição da colérica (*kholsamn*, 538) deusa que envia um tremendo javali para atacar os pomares de Eneu. Matou-o Meleagro, conta Fênix, “após reunir caçadores e cães de muitas cidades, / pois o javali não seria subjugado por poucos mortais / tão grande era, e dirigira muitos à pira pungente” (544-546)⁶. O lance faz do herói protagonista da luta que se prolonga ainda no embate ferrenho entre curetes e etólios pelo couro da presa (547-549). Estes, com Meleagro, levam vantagem; mas de súbito, invadido por cólera (*édy khólos*, 553) contra a mãe, Altaia, ele se retira e se fecha em casa, deitado ao lado da esposa,

τῇ ὃ γε παρκατέλεκτο χόλον θυμάλγέα πέσσων 565
ἐξ ἀρέων μητρὸς κεχολωμένος, ἧ ῥα θεοῖσι
πόλλ' ἀχέουσ' ἠῤᾶτο κασιγνήτοιο φόνιοιο,
πολλὰ δὲ καὶ γαῖαν πολυφόρβην χερσὶν ἀλοία
κικλήσκουσ' Ἀἴδην καὶ ἐπαινήν Περσεφόνειαν
πρόχην καθεζομένην, δεύοντο δὲ δάκρυσι κόλποι, 570
παιδὶ δόμεν θάνατον· τῆς δ' ἠεροφοῖτις Ἑρινὺς
ἐκλυν ἐξ Ἑρέβεσφιν ἀμείλιχον ἦτορ ἔχουσα.

(...) digerindo aflitiva raiva [*khólos*], 565
enraivecido [*kekholóménos*] com as maldições da mãe, que pelos deuses
muito o maldissera, angustiada com o assassinio do irmão,

³ οἱ οὐ τι θαλύσια γουνῶ ἀλωῆς (...) ῥέξ' [*rhéx'*]

⁴ οἷη δ' οὐκ ἔρρεξε [*erréxe*] Διὸς κόρη μεγάληοιο. O uso de formas verbais de *rhézein*, muito frequente nas epopeias homéricas, não deixa – aqui e no texto à nota anterior – dúvidas quanto ao contexto sacrificial.

⁵ ἦ λάθετ' ἢ οὐκ ἐνόησεν· ἀάσατο δὲ μέγα θυμῷ.

⁶ πολλέων ἐκ πολλίων θηρήτορας ἀνδρας ἀγείρας / καὶ κύνας· οὐ μὲν γάρ κε δάμη παύροισι βροτοῖσι / τόσσοις ἔην, πολλοὺς δὲ πυρῆς ἐπέβησ' ἄλεγεινῆς. (544-546).

e com vigor também batera na terra nutre-muitos,
 invocando Hades e a atroz Perséfone
 de joelhos, os seios molhados de lágrimas,
 e pedia a morte do filho: do Érebo ouviu-a
 Erínia vem-na-névoa, a que tem implacável coração.

570

Começa então a desdita dos etólios, pois os curetes vão assediando cada vez mais a cidadela, enquanto a Meleagro suplicam (574-589) que volte à luta “os anciãos”, com promessas de dons; o pai e rei Eneu, a mãe e as irmãs; os companheiros. Tudo em vão, até que os curetes alcançam as torres, prontos a saquear e incendiar a cidadela; só então ele põe de lado a cólera, após ouvir a súplica de Cleópatra, que, lamentosa (*odyroménē*, 591), sintetiza-lhe (592-594)

(...) καὶ οἱ κατέλεξεν ἅπαντα
 κήδε', ὅς' ἀνθρώποισι πέλει τῶν ἄστῳ ἀλώη·
 ἄνδρας μὲν κτείνουσι, πόλιν δέ τε πῦρ ἀμαθύνει
 τέκνα δέ τ' ἄλλοι ἄγουσι βαθυζώνους τε γυναῖκας.

(...) os pesares dos homens que têm a urbe conquistada:
 matam os varões, o fogo reduz a cidade a pó
 e estranhos levam crianças e mulheres cintura-marcada.

Meleagro enfim cede (595-599) e salva os etólios, mas sem receber, diz Fênix, “as dádivas, muitas e apazíveis”⁷ (599), que lhe haviam sido oferecidas. São as imagens da esposa e da cidade destruída, desenhadas na intervenção crucial de Cleópatra, que movem o herói, algo revelador de “quão de todo centrada na família é a sociedade dos poemas homéricos” (Lacey, 1984, p. 34). Observa Nagy (2007, p. 65) haver no nome da esposa do herói as ideias do *kléos* e da ancestralidade: *Kleo-páttra*; nele se recupera, portanto, a natureza épica do relato que Fênix inclui entre as gestas de feitos que dão glória aos homens (*kléa andrṓn hērṓōn*, 524-5).

Não sabemos quais as maldições da mãe da enlutada Altaia – como enfatiza sua gestualidade (567-572) –, nem como morreu o tio materno, mas aquelas parecem estar ligadas à descida de Meleagro ao Hades, a qual não é, todavia, mencionada por Fênix. Que ele a cale é prova da cuidadosa retórica que exclui do argumento o dado irrelevante à sua finalidade (Gentili, 1958, p. 38): levar Aquiles a aceitar os dons de Agamêmnon, cedendo na cólera, ao contrário do que fizera Meleagro (600-605). A conexão entre os heróis é, disse-o, a cólera inflexível, mesmo em face do sofrimento dos seus (Willcock, 1964, p. 150). Fênix, porém, realça no relato do herói de antanho súplicas que o Pelida não ouvirá, pois a este só falam seus companheiros em Troia. Isso dito, há que atentar para a esposa de Meleagro, pois “Cleópatra é figura paralela a Pátroclo e à futura situação” de Aquiles na *Iliada*, ressalta March (1987, p. 32): é a pessoa mais cara a Meleagro que o persuade a ceder em sua cólera; igualmente o será na epopeia homérica,

⁷ δῶρα (...) πολλά τε καὶ χαρίεντα

Pátroclo. Ironia trágica é que, no segundo caso, ele o faz ao morrer (canto XVI), enquanto, no primeiro, “ela o faz em vida”, completa March.

O mito de Meleagro em fontes posteriores

Considera Willcock (1964, p. 148) que as palavras iniciais de Fênix, ao introduzir o relato, parecem “claramente referir a poesia pré-homérica e afirmar que temas relativos à cólera eram bastante comuns”⁸. Ei-las:

οὕτω καὶ τῶν πρόσθεν ἐπευθόμεθα κλέα ἀνδρῶν

ἡρώων, ὅτε κέν τιν’ ἐπιζάφελος χόλος ἴκοι·

525

Assim também ouvimos gestas dos varões [*kléa andrōn*] de antanho,
heróis, de quando algum alcançava raiva [*khólos*] veemente:

525

Notável é que, no *Epinício* 5 de Baquilides, a segunda fonte mais importante para o mito de Meleagro na poesia posterior, o narrador – o *laudator* –, tem o mesmo cuidado de situar a narrativa do encontro do herói e de Hércules como inserido nas tradições antigas por todos sabida (56-57) – e isso pelo uso de verbo de sujeito indeterminado, no presente (*légousin*, “dizem”, 57). Isso muito embora não haja atestações de sua ocorrência em fonte anterior e o poeta bem possa tê-lo elaborado, aproveitando o episódio da *katábasis* do filho de Zeus, sua descida ao Hades, ainda vivo, e subida de volta ao mundo da luz, trazendo consigo – era este o trabalho que executava – Cérbero, o cão infernal do palácio de Hades e Perséfone.

Bastam a *Ilíada* e o *epinício* para percebermos o que mostram estas e outras fontes: a “ampla flutuação” do mito, indicativa da ausência de “forma canônica”, conclui Hainsworth (1995, p. 133), acrescentando que, na maioria das evidências, o herói “tinha matado os irmãos de Altaia na disputa gerada pelos espólios do javali”, e que a reação dela “era pegar o tição que representava a vida de Meleagro e jogá-lo ao fogo”, para extingui-la, “enquanto ele lutava”. Pode-se dizer, junto a Cairns (2010, p. 84), que o fato de Altaia estar implicada, de um modo ou de outro, na morte do filho, sinaliza que esse elemento estava “bem estabelecido”. E Hainsworth (p. 130) afirma: “Os traços primitivos da narrativa, o próprio tição mágico e a preferência [de Altaia] pelos irmãos em detrimento do filho, são garantias suficientes de uma origem muito antiga”. Kakridis (1949, p. 14) reconhece na tradição que inclui o tição, e à qual se ligam os relatos de Baquilides e de poetas trágicos, “uma antiga narrativa folclórica etólia”. A *Ilíada*, contudo, dado seu caráter, exclui o motivo popular do tição, que substitui pelo das maldições de Altaia, ressalta Gentili (1958, p. 45).

Há outras fontes que merecem menção, a começar pelo hesiódico *Catálogo das mulheres*, cujo Fr. 25 (M-W) fala dos filhos de Altaia, e de Meleagro, em parti-

⁸ Kakridis (1949, pp. 18-27 e p. 33) discute o problema das fontes da epopeia para o relato de Meleagro, e March (1987, p. 29) enfatiza como pré-homérica a narrativa da caça ao javali da Calidão.

cular; retrata-o talvez – o texto é precário – como insuperável, salvo por Hércules (1-3), e como guerreiro temível na batalha (9-11); e narra sua morte na luta contra os curetes, ao que parece, sob a influência de Apolo (12-13), irmão de Ártemis, em cujo nome o deus pode ter interferido⁹. Neste caso, Altaia não teria responsabilidade. Traduzo o fragmento:

οὐτέ τις ἐν πολέμῳ φθισήνο[ρι] δακρυόε[ντι]
 ἔτλη ἐσάντα ἰδῶ[ν] μείναι κρατερ[ὸν] Μελέαγ[ρον] 10
 ἀνδρῶν ἡρώων, ὅπ[ο]τ[ι] ἰθύοι[σι] ἅντα μάχεσ[θαι].
 ἀλλ' ὕπ' Ἀπόλλωνος χερ[σιν] [...] θ[ε]ο[ῖ]
 μαρνάμενος Κουρ[η]ῆσι περὶ Πλ[ε]υρῶν[ι] μακεδνῆι.
 (...) e na lacrimosa guerra mata-varões, após vê-lo, não
 ousava postar-se ante ao potente Meleagro nenhum 10
 dos varões heróis, quando se empenhava em lutar face a face.
 Mas sob as mãos de Apolo ...
 combatendo os curetes em redor da alta Pleurão.

No Fr. 280 M-W (*A descida de Perítoe ao Hades*), Meleagro fala ao vivo Teseu que na *katábasis* acompanha o amigo, e se dirige ao morto no verso 10. Antes, tal qual faz a Hércules no *Epinício* 5 de Baquilides, reconta sua morte ao herói ateniense, a qual é influenciada por Apolo (1-2) – o verso 2 (*Moira olo[ē] ... ólese[n]*) sendo editado com base no 121 (*ó[le]se moír' oloà*) da ode baquilídea. Cito os versos 2-3 do fragmento:

ὀλέσαι με βίηφι τε δουρί τε μακρῶι,
 ἀλλά με Μοῖρ' ὀλο[ή] καὶ Λητοῦς ὤλεσε[ν] υἱός.
 (...) destruir-me pela força e por lança longa,
 Mas a Moira mortal e o filho de Leto me destruíram.

Esse dado se reforça no testemunho de Pausânias (século II d.C.), na *Descrição da Grécia* (X, 31, 3-4)¹⁰, e consistiria, pensa Willcock (1964, p. 152), “em racionalização épica” que exclui o sobrenatural e o elemento mágico e popularesco, como é esperável no gênero centrado no comportamento humano (p. 151). O viajante diz, sobre a morte de Meleagro, que difere daquela da *Iliada* as que se acham no *Catálogo* e na perda epopeia do século VI a.C., *Mínias*:

ὁμολογήκασιν ἀλλήλαις· Ἀπόλλωνα [γὰρ] δὴ αὐταὶ φασιν αἱ ποιήσεις ἀμύναι Κούρησιν
 ἐπὶ τοὺς Αἰτωλοὺς καὶ ἀποθανεῖν Μελέαγρον ὑπὸ Ἀπόλλωνος.

(elas) são acordes em outra versão; pois esses poemas dizem, eles próprios, que Apolo defendia os curetes contra os etólios, e que sob Apolo morreu Meleagro.

⁹ March (1984, pp. 40-41) considera os problemas entre o deus e a família de Cleópatra.

¹⁰ Sempre cito o texto grego extraído de *TLG* na edição adotada para minha tradução, de F. Spiro, *Pausanias Graeciae descriptio* (Teubner, 1903, 3 vols.).

A epopeia mencionada em Pausânias não atribuiria a Altaia responsabilidade na morte do filho; o mesmo dar-se-ia no *Catálogo* (Frs. 25 e 280 M-W), mas não nos mélicos Estesícoro e Baquilídes, e nem mesmo em Íbico, cujo Fr. 290 (Davies) preserva tão-somente a expressão “Altaia Meleagrida” (Ἀλθαία Μελεαγρίς). Para Davies e Finglass (2014, p. 517), tal “nomenclatura incomum sugere um relacionamento particularmente digno de nota, e, portanto, talvez o relato em que Altaia mata Meleagro por meio do tição” – definindo sua morte e marcando de modo indelével sua trajetória.

No que tange à mélica epicizante de Estesícoro, interessa de seus muitos títulos o poema *Os caçadores de javali* (Frs. 183-186 Davies-Finglass), com tema caro à tradição popular, verificável “na literatura e arte arcaicas na Grécia antiga e no Oriente Próximo, no folclore, e na herança poética indoeuropeia”, dizem os editores Davies e Finglass (2014, p. 515), acrescentando que “tais caçadas podem ser vistas como o equivalente ou substituto do conflito armado, e, portanto, são igualmente dignas de tratamento na poesia”¹¹, e dotadas de caráter iniciático¹². Dele há parcos e muito precários fragmentos papiráceos, o mais significativo trazendo a emendada referência aos Testíadas, os irmãos de Altaia ([*Thes*]tíadai, Fr. 183) – referência que pode apontar para o motivo do tição de Meleagro (March, 1987, p. 46), na articulação dos eventos que levam o herói à morte.

Cabe mencionar ainda o grupo dos Frs. 187-279 (Davies-Finglass), que não são dados como pertencentes a *Os caçadores de javali*, por incompatibilidade métrica, o que talvez indique que Estesícoro em mais de uma obra teria tratado do tema e de Meleagro (Davies e Finglass, p. 533). No Fr. 189, suplementos restauram aos versos os nomes de “Ártemis” e da “Calidônia” ([*Árta*]mis, 6; *Ka*[lydōn], 8). A deusa é “arqueira” (*iokhéair*, 6), “caça-feras” (*agres*[i]théra, 7) e “filha de Zeus” ([*thygátēr*] Diōs, 7), elementos que ressoam em Baquilídes; a Calidônia, pela beleza amável (*eratàn*, 8) é também assinalada no poeta. E no Fr. 191, uma mulher – Altaia, argumenta Garner (1994, p. 28 e p. 30) – recebe em casa a notícia da morte dos irmãos (6-9):

α, τ|άχ ἀγγελίας ἀμεγάρτου
πε|ύσσαι ἐν μεγάροις· τεθνᾷσί τ|ο|ι.
ἀμα|τι τῶιδε παρ' αἰ-
σαν| ἀδελφ[εοί·] ἔκτανε δ' αὐτοὺς

... logo a mensagem não invejável
ouvirás nos saguões; mortos estão
eles neste dia – embora contra
o destino –, teus irmãos; mas matou-os ...

Para sobre o fragmento a possibilidade de encaminhamento da narrativa próximo ao de Baquilídes: Meleagro mata mais de um tio materno – e não só

¹¹ Símil comentário já se acha em Cairns (2010, p. 83).

¹² Ver Bremmer (1983, p. 178) e Segal (1990, p. 15).

um, como na *Iliada* – e perece por isso, pelas mãos da mãe, no contexto da ira de Ártemis e da guerra.

Quanto à ação fatal de Altaia contra o filho, a queima do tição de Meleagro (*Epinício* 5, 141-142) consiste em tema indicativo da antiguidade da narrativa pré-homérica¹³, e lembra “motivos de contos populares”¹⁴, embora, como adverte March (1987, p. 40), o do tição, de antiga tradição folclórica¹⁵, possa ter sido conectado a Meleagro depois de Homero. De todo modo, nota Garner (1994, p. 28), a versão “em que Altaia executa a vingança pela morte dos irmãos dela às custas da vida de seu próprio filho, era uma narrativa natural para uso trágico”, o qual se constata nos tragediógrafos, a começar pelo ateniense Frínico, em *Pleuronenses* – no pequeno Fr. 6 (ed. Snell, 1971):

(...) κρυερὸν γὰρ οὐκ
ἄλυσεν μόρον, ὡκεῖα δέ νιν φλόξ κατεδαίσατο
δαλοῦ περθομένου ματρὸς ὑπ’ αἰνᾶς κακομαχάνου

(...) pois [Meleagro] ao enregelante
lote não escapou, mas logo a flama o devorou –
a do tição [*daloû*] destruído pela mãe pavorosa, vil-engenho ...

E ainda em Ésquilo, no primeiro estásimo das *Coéforas* (602-611)¹⁶, que dá como relato conhecido o de Altaia que mata o filho com o tição (*dalòn*, 607) de sua vida:

ἴστω δ’ ὅστις οὐχ ὑπόπτερος
φροντίσιν, δαεῖς
τὰν ἁ παιδολυμᾶς τάλαινα Θεστιάς μήσατο
πυρδαῆς γυνᾶ πρόνοι- 605
αν καταίθουσα παιδὸς δαφονὸν
δαλὸν ἥλικ’, ἐπεὶ μολῶν
ματρώθεν κελάδησε,
ξύμμετρόν τε διαὶ βίου 610
μοιρόκραντον ἐς ἡμᾶρ.

Sabe disto quem não é avoadado
mas instruído na providência
que a atrevida filha de Téstitio
destruidora do filho 605
com ígnea arte urdiu

¹³ Ver Willcock (1964, pp. 151-152), além de Hainsworth (1995, p. 130) e Garner (1994, p. 28).

¹⁴ Irigoien (2002, p. 120).

¹⁵ Gentili (1958, pp. 40-41) vê no motivo a ideia “antiquíssima que cria que a vida do homem fosse ligada por magia ‘simpática’ à vida vegetal (...)”.

¹⁶ Tradução de Torrano (2004), com texto grego de A. F. Garvie, *Choephoroi* (Clarendon, 1983). Lembra Gentili (1958, p. 42) que Sófocles e Eurípides teriam composto tragédias sobre Meleagro; o primeiro, seguindo a narrativa épico-homérica, e o segundo, acolhendo “a versão baquilídea, que enriquece com um novo elemento dramático, o amor de Meleagro por Atalanta” (pp. 42-43).

ao pôr no fogo o rubro tição [*dalòn*]
coetâneo do filho desde o berço
e simétrico ao longo da vida
até o fatídico dia.

610

Precederia aos poetas trágicos o tema do tição, pensa Maehler (2004, pp. 108-109); remontaria provavelmente a Estesícoro (Cairns, 2010, p. 84). Segundo Pausânias (X, 31, 4), Frínico, ao elaborá-lo, “nele tocou como num relato proclamado já por toda a gente helena”¹⁷. E Kakridis (1949, pp. 11-14), que revisa todas as versões do mito de Meleagro, considera (p. 14) a do *Catálogo* como adaptação da que temos na *Iliáda*, e sem relevância, enquanto vê a das tragédias e da mélica de Baquilides como mais antiga, porque tem o elemento do tição, em vez da Erínia, como força mágica de benefício ou ruína ao homem a quem se volta, algo que a aproxima do universo folclórico em que Kakridis (pp. 15-16) reconhece versões, em várias culturas, séculos afora, da estória de Meleagro. Em tal versão, Altaia é fortalecida como personagem, porque a própria mãe tem a coragem de matar, com suas mãos, mesmo se que à distância – como permite o feitiço –, o próprio filho (Kakridis, p. 16). Diferentemente na *Iliáda*, aduz (p. 17), em que a imagem do herói é fortalecida, pois apenas pela Erínia é derrotado.

Pois bem. Do encontro entre os heróis no Hades ao tição aceso por Altaia, passando pela caça ao javali enviado como punição de Ártemis a Eneu, e ainda abarcando a luta pelo couro do animal e a morte de tios maternos de Meleagro – isso tudo pode remontar a Estesícoro, sugeria Croiset (1898, pp. 77-80), antes mesmo de esse poeta ser praticamente descoberto com os papiros publicados nos anos de 1960-1970; endossa-a March (1987, pp. 44-46). Mas a costura da trama com esses tantos fios e elaborada com tão grande *páthos* em Baquilides é potencialmente original (Cairns, 2010, p. 86) – trama que ouvimos da boca do triste herói morto, a recontá-la a Hércules em pleno Hades. Nela, Altaia integra o último andamento dos eventos iniciados no crime de Eneu contra Ártemis (97-102) – não especificado, ao contrário do que se dá na *Iliáda* – e na incessante cólera da deusa (103-126), que gera a punição do envio do monstruoso javali à Calidônia, em meio à luta de etólios e curetes, e que depois a incrementa ao atizar a disputa entre ambos os grupos pelo couro do animal. Em meio a esta perecem dois tios maternos de Meleagro por suas próprias setas, em caso típico de “fogo amigo” (127-135), explica ele:

ἐνθ' ἐγὼ πολλοῖς σὺν ἄλλοις
Ἴφικλον κατέκτανον
ἐσθλόν τ' Ἀφάρητα, θεοὺς μάτρωας· οὐ γὰρ
καρτερόθυμος Ἄρης
κρίνει φίλον ἐν πολέμῳ,
τυφλά δ' ἐκ χειρῶν βέλη
ψυχᾷς ἐπὶ δυσμενέων φοι-
τᾷ θάνατόν τε φέρει

130

¹⁷ προσαψάμενος (...) ἄτε ἐς ἅπαν ἤδη διαβεβοημένου τὸ Ἑλληνικόν

τοῖσιν ἄν δαίμων θέληι.	135
ταῦτ' οὐκ ἐπὶλεξαμένα	
Θεστίου κούρα δαΐφρων	
μάτηρ κακόποτος ἐμοὶ	
βούλευσεν ὄλεθρον ἀτάρβακτος γυνά,	
καῖέ τε δαιδαλέας	140
ἐκ λάρνακος ὠκύμορον	
φιτρὸν ἐξάσασα· τὸν δὴ	
μοῖρ' ἐπέκλωσεν τότε	
ζῶας ὄρον ἀμετέρας ἔμμεν. (...)	
Então eu, entre muitos outros,	
matei Íficles	
e o nobre Áfares, velozes tios maternos;	
pois Ares, duro-coração,	130
não distingue o amigo na guerra,	
e cegas saem setas das mãos	
contra os ânimos dos inimigos,	
e portam-lhes a morte –	
a quem o nume quer.	135
Mas isso não considerou	
de Téstio a filha hostil,	
minha malfadada mãe, e	
planejou minha ruína a intrépida mulher:	
da dedálea arca tirando-o,	
queimou meu cepo [<i>phitròn</i>]	140
de breve fim. Sobre ele	
então meu quinhão fiou	
o limite de minha vida”.	

Com “amarga sentença que é como que o prelúdio do último episódio” de sua vida (Gentili, 1958, p. 34), e que frisa o horror da arbitrária violência incontrollável da guerra, Meleagro explica o trágico evento que, sem dolo, protagoniza. Diante dele, uma mulher, desprovida do conhecimento direto da experiência – tema que perpassa a ode – da guerra, teria dificuldade em entender o que ele enuncia com tanta clareza. Altaia supera, contudo, a razoável reação, ao fazer do filho alvo de implacável retribuição punitiva, engendrando sua morte traiçoeiramente (144-154). Não espanta o amargor do herói quanto à mãe convertida em tenebrosa Erínia dos irmãos dela.

Repare-se no encobrimento característico do mundo da magia (Dickie, 2010, p. 358), que marca a imagem do tição encerrado na arca no interior da casa, e de Altaia a acender a acha às escondidas. E na crueldade e traição das quais não é detalhe pequeno o de que a mãe, cônica de que a vida do filho depende da manutenção longe do fogo do tição que mensura a existência de Meleagro, acende-o ela própria, após retirá-lo de arca ricamente elaborada (140-141), em que se achava protegido no íntimo da casa. Ironia das ironias, a caracterização da arca repercute ecos épicos, lembra Rosenmeyer (1991, p. 15), pois o substantivo (*lár-nax*, 141) nomeia na *Iliada* (XVIII, 413) um recipiente que guarda bens valiosos, bem como a “urna funerária ou caixão” (XXIV, 795), enquanto o adjetivo (*daidá-leos*, 140), que projeta o grande artesão Dédalo, “é atribuído consistentemente em

Homero para metal ou madeira forjados de modo curioso, amiúde implicando procedência divina” (pp. 15-16)¹⁸. Esse sentido se confirma em Baquíledes.

Desumana mãe de tão humano filho: eis o que realçam os elementos articulados no epinício (Lefkowitz, 1969, p. 80) – filho cuja fragilidade expressa-se na vida sustentada pelo tição “de breve fim” (142), que repercute outra imagem vegetal anterior que a expressa, a do *érnos* (“vergôntea”, 87) admirável ao qual é comparado por Héracles o simulacro brilhante do herói portando armas no sombrio Hades (72). O termo *phitrón* (“cepo”, 142), que nomeia a parte viva de um vegetal, rebate *érnos*; *juntos*, intensificam o *páthos* pelo motivo da *mors immatura* que o plangente Meleagro lamentará (151-154)¹⁹.

Não se pode contestar quão justa é, na fala de Meleagro (137-139), a destituição de Altaia do papel que violou no quadro de brutal “reversão de papéis”, frisa Dova (2012, p. 90), já que a vingança de “mortes masculinas” de parentes imediatos caberia aos homens da família, e não à mulher, essa Altaia tornada “monstruosa aberração frente a qualquer norma da feminilidade”. Isso mesmo considerando que o tio materno, como enfatiza Garner (1994, p. 34), tinha

na sociedade indoeuropeia, papel proeminente: na Grécia, era dos poucos parentes com acesso aos domínios das mulheres na casa, e esse privilégio ajuda a fazer dele uma pessoa influente na vida dos filhos de sua irmã. Ele era responsável, em alguma medida, pela iniciação do jovem à vida adulta, tipicamente na caça. (...) Logo, a presença de um ou mais tios de Meleagro durante a caça ao javali (parte invariável desse mito) aponta para uma venerável tradição e para elementos antigos na narrativa²⁰.

A título de exemplo, Garner refere a *Odisseia* (19, 392-466), que fala da iniciação de Odisseu na caça ao javali no monte Parnaso, sob a conduta do tio materno, Autólico, na qual o herói adquiriu a marca crucial para a epopeia: a cicatriz na coxa. Segal (1990, p. 15) ressalta o sentido iniciático da caça, de formação, no mundo grego, que, todavia, não é explorado nem por Homero, nem por Baquíledes, uma vez que ambos se centram na questão da violência externa e interna à casa – violência algo contagiosa (p. 18). Em ambos, anota Segal (p. 16), a caça “suscita a guerra civil e destrói o herói”.

Observa Bremmer (1983, pp. 183-184), a propósito da posição do tio materno com relação ao *oikos*, isto é, à casa e suas preocupações, que podia ser bem mais afetuoso seu elo com o sobrinho do que deste com o pai, dado seu distanciamento do mundo doméstico. Esse cenário deve ser pensado do ponto de vista do que move Altaia a colocar “a lealdade à sua casa de origem (a seus irmãos) acima dos laços com a ‘nova’ casa, de seu marido e filhos” (Segal, 1990, p. 13), mas surpreendente que ela o faça, e espanta o modo doloso de matar o próprio filho, negando-lhe qualquer compaixão – a ele que decerto luto sentia pela morte dos tios por sua ação involuntária na guerra. O crime dela, em que, aliás, a violência bruta e

¹⁸ Eis as ocorrências indicadas por Rosenmeyer: *Il.* IV, 135; VIII, 195; XIX, 380; *Od.* 1, 131.

¹⁹ Estudei detidamente a imagem vegetal e o motivo referidos (Ragusa, 2016, pp. 63-83).

²⁰ Ver ainda Bremmer (1983, p. 178), que comenta o caso de Meleagro.

irracional da guerra ressoa, “equivale a uma depreciação não-natural do elo entre mãe e criança, a uma violação da ordem universal que reserva ao rebento a posição superior na escala ascendente das afeições de sua mãe” (Dova, 2012, p. 90). Tão terrível é que talvez Estesícoro, no citado Fr. 191, tenha mostrado sua Altaia a hesitar e a debater consigo mesma, sugere Garner (1994, pp. 33-34 e p. 38), com base na expressão *angelías ... [pe]úseai en megárois* (“a mensagem ... ouvirás nos saguões”, 6-7) que implica a vinda de um mensageiro ao palácio de Eneu. Davies e Finglass (2014, p. 538) nela sublinham, e nos demais versos, traços do “padrão de anúncios de mensageiros”, verificáveis desde a *Ilíada*²¹. E a forma verbal (*[pe]úseai*) deve ter por referência aquela que seria a mais interessada na notícia “não invejável” (*amegártou*”, 6) da morte dos “irmãos” (*adelph[eo]í*, 9), Altaia, da qual o poeta faria personagem trágica, julga Garner.

Outra, contudo, a imagem que Baquilídes dela projeta, a fim de tornar a desdita de Meleagro ainda mais dorida e digna de compaixão do que já é, por si só. Eis o que diz seu espectro, ao resumir sua morte cruelmente tecida por Altaia (151-154):

(...)- μίνυθεν δέ μοι ψυχὰ γλυκεῖα·
γνῶν δ' ὀλιγοσθενέων,
αἰαῖ· πύματον δὲ πνέων δάκρυσα τλάμωv,
ἀγλαὰν ἦβαν προλείπων.

(...). Mas mingua-se-me o doce ânimo:
soube – pouca se tornava minha força!
Aiai! Soprando o sopro final, chorando – mísero! –,
a esplêndida juventude ia deixando.

Meleagro sentiu-se morrer, tragicamente sabendo-o e sem controle sobre o que estava a ceifar-lhe a vida – a interjeição *aiai* (153), característica da tragédia, enfatiza seu próprio sofrimento; e isso no instante em que matava belo e bravo herói dos curetes, logo, no “que ordinariamente seria um momento de triunfo” (Lefkowitz, 1969, p. 81). E sentiu-se morrer precocemente, marca a expressão *aglaàn hēban* (154), na poesia grega recorrente (Segal, 1976, p. 120), com a qual nomeia o que vai deixando (*proleípōn*, 154). Vai-se em “tom de melancólica resignação e refletida tristeza” (Segal, id.), em lamento “pré-fúnebre a si mesmo” (Arnould, 1990, p. 24), tal qual Pátroclo e Heitor, que, cientes do próprio perecer, fazem sua própria “lamentação lutuosa” (*góos*), à medida que deixam para trás “a virilidade e a juventude”, diz o verso formular repetido para o troiano (XXII, 363) e o aqueu (XVI, 857): *hōn pótmon goósa lípous' androtēta kai hēbēn*.

A semelhança de dicção é evidente, mas não há na trágica morte dos heróis épicos o elemento mais triste possível: o protagonismo assassino da própria mãe, em trama que enlaça luta, luto, cólera e vingança, e o arrebatada. A selvageria monstruosa de Altaia, de sua vingança que estilhaça o mundo heroico de Meleagro

²¹ Veja-se o canto XVIII (15-21), em que ocorre, inclusive, a expressão *peúseai angelíēs* (19), no contexto da chegada a Aquiles de Antíloco, com a trágica notícia da morte de Pátroclo.

(Lefkowitz, p. 81), adquire, pois, dimensões trágicas indicadas na rainha qualificada em Frínico, e patentes nas *Coéforas* de Ésquilo. Afinal, é tal selvageria que dá ao filho morte não-heroica:

(...) em vez de morrer a morte de um herói, Meleagro é assassinado indiretamente pelo mais primitivo tipo de magia fácil, incapaz de defender-se; e seu assassino não é um adequado adversário heroico masculino, um Heitor ou Aquiles, mas sua própria mãe, agindo, não em justificada vingança por homicídio premeditado, mas em infeliz (...) retaliação pelas mortes vãs e não-intencionais de seus irmãos. (Lefkowitz, 1969, p. 79).

E tal morte chega exatamente quando Meleagro se empenhava, destemido, na arena heroica da guerra. Grande ironia! Inconteste é, pois, que seu detalhamento pelo espectro do herói, na tradição temática da *mors immatura* (Arnould, 1990, p. 24), leva ao clímax o *páthos* da narrativa do epinício, construído nas sucessivas formas participais para as ações continuadas e sequenciais dos versos 152-154 (*gnōn*, *oligosthenéōn*, *pnēōn*, *dákrysa*, *proleípōn*). Estas se acumulam na descrição consciente no exato instante em que começa a esvair-lhe a vida, no lamento trágico (*aiaî*, 153), no reconhecimento da miséria humana (*tlá[mōn]*, 153), por saber que a morte o arrebatava – ele, impotente para contê-la ou dela desviar-se. Mais: na mais absoluta astenia e no expirar do último sopro que o sustenta, seguidos do adeus lacrimoso à juventude de herói que vivenciou o mundo de *mákhē* (guerra) e nele se realizou, como reflete seu reluzente simulacro em armas no Hades (72), capaz de assustar Hércules e fazê-lo sacar flecha da aljava (73-76), mas pela própria mãe foi privado do tempo futuro de *érōs* e *gámos*, de chefe do *oikos*, que lhe teria permitido dar continuidade à linhagem e, assim, firmar mais um mecanismo de permanência entre os vivos, além dos feitos: gerar descendência.

Para Croiset (1898, p. 80), se nada mais o for, é de Baquilides a inovação de fazer com que ouçamos da boca de Meleagro sua própria morte, algo que é, “em grande parte, aquilo que dá à canção seu valor”:

Há qualquer coisa de rara e tocante ao mesmo tempo nas impressões do valente Meleagro, surpreendido em plena vida, em plena vitória, quando integralmente empreende sua força física, pela invasão inesperada e veloz da morte. Esta é descrita em poucos traços, sem vãs pesquisas, mas com delicadeza, e toda a passagem é marcada por uma emoção verdadeira.

Pode-se argumentar com Fearn (2012, p. 328) que o poeta torna, assim, em sua canção algo “ainda mais vívido” o lamento iliádico de Pátroclo e de Heitor, que ressoa no de Meleagro, que a audiência ouve. De modo similar, Most (2012, p. 265) afirma que ele “torna os eventos ainda mais vivos e dramáticos” ao colocá-los na boca do morto, pelo que “empresta à sua autobiografia um *pathos* particular”²², ausente das demais fontes.

²² Pinsent (1985: 8) ressalta o *páthos* dos versos 151-4.

Entre tramas de lutas e lutos, cólera e vingança, vemos, portanto, que Meleagro é figura notável no imaginário da poesia arcaica e clássica. E que o herói na canção de Baquilides bem se distingue do da epopeia homérica, inclusive na bastante mais aguda dramaticidade trágica que não escapou a Croiset (1898, p. 80), no início da repercussão da publicação do papiro que preservou o epínicio: “O Meleagro de Baquilides, velado de tristeza, e como que envolto em sua dolorosa resignação, torna-se desde já uma das mais nobres figuras criadas pela poesia grega”. Quem quer que percorra os versos da narrativa mítica do poeta mélico não poderá dele discordar – nem o maior herói de todos, o filho de Zeus, Hércules, e nem o destinatário do epínicio, o poderoso e próspero Hierão. A todos, na celebração do êxito humano nos Jogos, que só se consolida com o favor divino que qualifica a própria figura do *eúmoiros* destinatário (1), o mito de Meleagro ilustra a fragilidade da condição humana, que o comovido Hércules reconhece, seus olhos umedecendo pela primeira e única vez (156-158), segundo “dizem” (*phásin*, 155) os contares que preservam a tradição, reitera o narrador com forma verbal equivalente à que introduz o mito (*légousin*, 57). Da boca do filho de Zeus ouvimos as únicas palavras que poderia dizer:

θνατοῖσι μὴ φῦναι φέριστον
μηδ' ἁελίου προσιδεῖν
φέγγος (...) 160

Aos mortais, melhor não ser,
nem ver do sol
a luz; (...) 160

Anota Cairns (1997, p. 44) que “as lágrimas de resignação e de melancolia” vertidas por Meleagro pela perda da própria vida são “respondidas por e evocam as lágrimas em reconhecimento à compartilhada humanidade” entre ele e Hércules. Iludido, porém, Hércules, que não tem a funda percepção da fragilidade humana que Meleagro detém, pela experiência direta que lhe dá o conhecimento da morte e da finitude, ainda acredita poder superá-la pela via do heroísmo marcado no epíteto *adeisibóan* (“o que não teme o grito de guerra”, 155), anota Lefkowitz (1969, p. 84). Os olhos molhados humanizam o saqueador imbatível e semidivino herói (56-58, 79), reforçando as anteriores qualificações de sua mortalidade precária – o matronímico Alcmenida (71), o patronímico Anfitrionida (85), a tentativa vã de combater os mortos em pleno Hades (73-76), como se ameaçassem os vivos. Mas ele ainda não sabe quão humano é, e que derrotado será não por inimigo, nem por monstro – tantos que ele subjugou –, mas por mulher – a irmã do morto que toma por esposa, Dejanira – e por feitiço que o matará, sem que ele possa fazer nada para reverter tal resultado. Humano que é, limitado em seu conhecimento, ele não pode imaginar o que está no horizonte; a canção de Baquilides, porém, não permite à audiência não lembrar (165-175), nem a poupa da ironia trágica do diálogo final em que o herói vivo anuncia a disposição de desposar a irmã do morto, sem saber que ela o conduzirá ao Hades, por meio da magia erótica própria ao mundo de “Cípris, feiticeira de mortais” (*Kýpridos thelximbrótou*, 175).

Referências bibliográficas

- Arnould, D. (1990). *Le rire et les larmes dans la littérature grecque: d'Homère à Platon*. Paris, France: Belles Lettres.
- Bremmer, J. (1983). The importance of the maternal uncle and grandfather in archaic and classical Greece and early Byzantium. *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik*, 50, 173-86.
- Cairns, D. L. (1997). Form and meaning in Bacchylides' Fifth Ode. *Scholia* 6, 34-48.
- Cairns, D. L., Howie, J. G. (introd., ed., coment., trad.) (2010). *Bacchylides. Five epinician odes* (3, 5, 9, 11, 13). Cambridge, England: Francis Cairns.
- Croiset, M. (1898). Sur les origines du récit relatif à Méléagre dans l'ode V de Bacchylide. In *Mélanges Henri Weil. Recueil de mémoires concernant l'histoire et la littérature grecques* (pp. 73-80). Paris, France: Ancienne Librairie Thorin et Fils.
- Davies, M., Finglass, P. J. (ed., coment., introd., trad., introd.) (2014). *Stesichorus: the poems*. Cambridge, England: University Press.
- Dickie, M. W. (2007). Magic in classical and Hellenistic Greece. In D. Ogden (ed.), *A companion to Greek religion* (pp. 357-69). Oxford, England: Blackwell.
- Dova, S. (2012). *Greek heroes in and out of Hades*. Lanham, MD: Lexington Books.
- Fearn, D. (2012). Bacchylidean myths. In P. Agócs, C. Carey & R. Rawles (eds.), *Reading the victory ode* (pp. 321-43). Cambridge, England: University Press.
- Garner, R. (1994). Stesichorus' Althaia: P. Oxy. LVII.3876.frr. 1-36. *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik*, 100, 26-38.
- Gentili, B. (1958). *Bacchilide: studi*. 2.^a ed. Urbino: S.T.E.U.
- Hainsworth, J. B. (1995). *The Iliad. Vol. III: books 9-12*. Cambridge, England: University Press.
- Irigoin, J., Duchemin, J. & Bardollet, L. (ed., trad., introd.) (2002). *Bacchylide*. 2.^a ed. Paris, France: Belles Lettres, 2002.
- Lacey, W. K. (1984). *The family in classical Greece*. Ithaca, NY: Cornell University Press.
- Lefkowitz, M. R. (1969). Bacchylides' Ode 5: imitation and originality. *Harvard Studies in Classical Philology*, 73, 45-96.
- Maehler, H. (ed.) (2003). *Bacchylides*. 11.^a ed. Leipzig, Germany: Teubner.
- ____ (ed., introd., coment.) (2004). *Bacchylides: a selection*. Cambridge, England: University Press.
- March, J. R. (1987). *The creative poet. Studies on the treatment of myths in Greek poetry*. London, England: Institute of Classical Studies – University of London.
- Merkelbach, R., West, M. L. (eds.) (1999). *Fragmenta Hesiodica*. Oxford, England: University Press.
- Most, G. W. (2012). Poet and public: communicative strategies in Pindar and Bacchylides. In P. Agócs, C. Carey & R. Rawles (Eds.), *Reading the victory ode* (pp. 249-76). Cambridge, England: University Press.
- Nagy, G. (2007). Homer and Greek myth. In R. D. Woodard (ed.), *The Cambridge companion to Greek mythology* (pp. 52-82). Cambridge, England: University Press.
- Ragusa, G. (org., trad.) (2013). *Lira grega: antologia de poesia arcaica*. São Paulo, Brasil: Hedra. [2.^a edição no prelo].
- Ragusa, G. (2016). De brotos, vergôntes e que tais: a imagem de Meleagro no *Epinício* 5, de Baquilides. *Organon*, 31 (60), 63-83.
- Rawles, R. (2018). *Simonides the poet. Intertextuality and reception*. Cambridge, England: University Press.
- Rosenmeyer, P. A. (1991). Simonides' Danae fragment reconsidered. *Arethusa* 24, 5-30.
- Segal, C. (1976). Bacchylides reconsidered: epithets and the dynamics of lyric narrative. *Quaderni Urbinati di Cultura Classica*, 22, 99-130.
- Segal, C. (1990). Sacrifice and violence in the myth of Meleager and Heracles: Homer, Bacchylides, Sophocles. *Helios*, 17, 7-24.
- Snell, B. (ed.) (1971). *Tragicorum Graecorum fragmenta, vol. 1*. Göttingen, Germany: Vandenhoeck & Ruprecht.
- Torrano, J. (estudo e trad.) (2004). *Ésquilo. Oresteia II – Coéforas*. São Paulo, Brasil: Iluminuras.
- Werner, C. (trad.) (2018). *Homero. Iliada*. São Paulo, Brasil: Ubu/SESI.
- Willcock, M. M. (1964). Mythological paradeigma in the *Iliad*. *Classical Quarterly*, 14(2), 141-154.

Resumo

O artigo centra-se na discussão das imagens de Meleagro nas trágicas tramas que enlaçam lutas e lutos, cólera e vingança, na poesia grega arcaica, sobretudo. Destacam-se a *Iliada* e o episódio famoso da embaixada a Aquiles (canto IX), e o *Epínicio* 5, de Baquírides, que, somados a outros pequenos fragmentos e excertos, trazem as mais extensas e bem preservadas passagens da antiga e bem conhecida tradição mítica envolvendo o herói e sua família – o pai Eneu, a mãe Altaia –, no contexto da guerra e da ira divina de Ártemis. Objetiva-se entender os elementos da tradição, seu uso na epopeia e no epínicio, e as imagens das personagens nucleares, mãe e filho, nos poemas.

Abstract

This article aims at discussing the images of Meleager in the tragic webs that interweave war and grief, wrath and revenge, mainly in archaic Greek poetry. The most extensive and well-preserved texts that are herein referred to are the *Iliad* and the famous embassy to Achilles (chant IX), and the 5th *Epinician* of Bacchylides. Through these and the bits and pieces we gather from other texts we learn of the ancient and well-known tradition that involves Meleager and his family – his father Oineus, his mother Althaia – in the context of war and under the divine wrath of Artemis. By doing so, it will reflect on the elements of the myth, its use in the epic poem and in the epinician, and the image of the central characters – mother and son – in the poems.

